

JORNAL RELIGIOSO POLITICO, LITTERARIO E NOTICIOSO.

PUBLICA-SE ÀS TERÇAS FEIRAS E SEXTAS.

Redactor e editor responsavel — O Bacharel ANTONIO MARIA PINHEIRO FERRO.

Assignatura para a cidade — Anno 400 rs. — Semestre 240 rs. — Para as provincias — Anno 800 rs. — Semestre 480 rs. — Folha avulsa 5 rs. — Anuncios 25 rs. por linha — repetição 20 rs.

## SEXTA FEIRA 6 DE OUTUBRO

«GOA 30. — A revolta está acabada.

Foi feita hoje uma intimação aos batalhões revoltados que obedeceram, regressaram a quartéis e dispersaram sem condições.

E' grande o entusiasmo pela dedicação da população do paiz.

Propuz uma amnistia.»

«GOA 1. — Recebi o telegramma 3001. A ordem está estabelecida.

Ha socego.

E' melhor suspender a viagem da corveta *Estephania*.

Preciso só de uma canhoneira e de 200 homens para a guarda municipal.

Peço a confirmação da amnistia para as tropas arrependidas.

O paiz agradece ao infante D. Augusto a sua resolução.»

O governo respondeu:

«A corveta *Estephania* sahiu no dia 30, e seguirá o destino marcado.

Empregue todos os meios para manter a ordem.

O governo aguarda informação circumstanciada sobre os ultimos successos para resolver ácerca de amnistia. Que com brevidade faria marchar forças se entender que são necessarias.»

## BRAGA 5 DE OUTUBRO

Está terminada a revolta da India e felizmente sem efusão de sangue e sem quebra da honra nacional.

Os revoltosos intimados a reconhecerem a autoridade constituída, voltaram a quartéis e dispersaram sem condições.

Á vista d'isto ainda d'esta vez não perdemos uma das pedras mais brilhantes da corôa portugueza.

Toda a imprensa portugueza applaudiu o ministerio pelas medidas adoptadas em tal conjuntura; porém nós não podemos deixar de significar que essas medidas foram um pouco acanhadas e estavam muito abaixo do que o brio nacional exigia em caso tão grave.

Portugal, embora pequeno e pobre, não podia nem devia, como nação, mandar para uma das suas colonias, em casos taes, uma força tão diminuta e que deixa ver bem claramente os nossos poucos recursos e o estado de abatimento a que infelizmente chegamos.

A revolta da India podia tomar proporções taes que demandasse alguns mil homens para a suffocar; e n'esse caso mandar uma pequena força para tão longinquas paragens não só era dar força aos revoltosos, fazendo-lhes conhecer que não podiamos lutar com elles; mas até sacrificar esses infelizes, que de certo seriam victimas da revolta apenas desembarcados.

A nossa opinião é que em taes casos se mande uma força que possa satisfazer a qualquer eventualidade; porque do contrario teremos o mesmo resultado que temos tido com as expedições contra o Bonga, nas quaes temos sacrificado os infelizes expedicionarios e sem resultado algum, a não ser o de ter perdido muita vida, muito dinheiro e ter dado uma prova plena ao mundo, de que do glorioso Portugal só existe o nome!

E seria o que talvez agora nos viesse a succeder com a expedição da India se, por fortuna nossa, ella não tivesse terminado por si mesma.

A revolta da India, se por ventura progredisse, ou teria engrossado a ponto de se fazer senhora dos dominios de Portugal, e n'esse caso a força já não desembarcaria, ou estaria em circumstancias de não lhe fazer grande incommodo o insignificante reforço de um batalhão de caçadores que o nosso governo mandava em soccorro dos nossos irmãos d'alem mar.

Não ignoramos as difficuldades com que o governo lucia, nem as pequenas forças de que pôde dispôr; porém quando as circumstancias o exigem não deve haver difficuldades insuperaveis, e cre-



mos que se o governo quizesse mandar para a Índia uma força, que fizesse respeitar o nome portuguez, não encontraria n'isso grandes difficuldades.

Se o governo julga que o exercito que temos não é sufficiente para occorrer ás necessidades da nação, organise-o convenientemente.

Mande construir vasos de guerra para que não succeda o que desgraçadamente ainda ha pouco vimos.

E finalmente empregue todos os meios que tem para o que o nosso paiz seja dignamente representado como uma nação independente que é e deseja continuar a ser.

Com o que dissemos, em parte, não queremos fazer censura ao ministerio; porém temos a nossa opinião e embora reconheçamos muita intelligencia, actividade e energia no actual gabinete, nem por isso nos dispensaremos de apreciar os seus actos, como julgarmos acertado.

Ossos illustres de Affonso de Albuquerque, po-  
deis regosijar-vos no fundo da vossa sepultura.

A perola mais fulgente da corôa portugueza; as ameias tintas ainda de heroico sangue; os baluartes cravejados de titulos honrosos, como que attestando ao mundo inteiro a existencia d'essas lactas homericas, que encheram de assombro a velha Europa; Gôa, a illustre Gôa, pertence ainda a Portugal.

Debalde se reuniu uma horda de homens sem patriotismo para amedrontar o heroe que vê escripto o seu nome em cada grão d'areia da estupenda Diu, e que lê um poema de acções epicas em cada pedra, em cada columna, em cada altar do mosteiro, que annuncia ao mundo inteiro a victoria d'Aljubarrota!

Quando o grito de guerra, repetido no Occidente, echoou pavoroso nas plagas do Oriente, os nossos inimigos largaram das mãos as armas e curvaram a cabeça envergonhados de si proprios.

Era a realidade que, fazendo-lhes cahir a venda illusoria, lhes apparecia medonha e negra.

Era o desengano a bradar-lhes aos ouvidos: não falleceram ainda os brios na patria de Camões.

Que importa queira hoje a Europa orgulhosa tirar-nos o que por direito nos pertence?

Que importa nos pague com ingratições os beneficios que de nós recebeu?

Que importa a zombaria que faz das nossas passadas glorias? Duvidará d'ellas?

Não; porque o Oriente lá está para responder por nós.

Não; porque em cada vaga oceânica scintilla um feito gigante.

Não; porque o mesmo oceano pôde attestar que ouviu, assustado, por muitas vezes o estrondo das nossas bombardas.

Não; porque Diu, Gôa, Ormuz, Damão, Bombaim, Cochim, Meliapor, Ceylão, e tantos outros pa-

drões immorredouros do passado, ainda se conservam de pé fitando os olhos respeitosa n'esta tira de terra, que nos serve de berço e sepultura.

Quando a Europa desdenhar do teu passado, donoso berço da nossa existencia, lembra-te do cantor do D. Jayme, quando elle diz:

*E se alguém menosprezar teu manto pobre,  
ri-te do fatuo que se julga nobre.*

Quando os Bismarks quizerem roubar-nos a nossa querida independencia, cahiremos esmagados, cahiremos matando, cahiremos envolvidos nas sagradas Quinas, cahiremos legando aos nossos inimigos um montão de ruinas!

E estas ruinas honrosas não dirão como os antigos hellenos: — *viandante vae dizer a Sparta que morremos por ella.*

Hão-de fallar mais alto, não-de segredar ao viandante: — *eis o que resta d'um povo livre!*

\*\*\*

## VARIEDADES.

Meu A...

Chegou a massada, abriram-se as aulas!!!

Lá vae o teu pobre amigo gastar todo o ann lectivo para dar com o valor d'um x!..

Ai! que sensaboria.

Os olhos a verem maldictas e narcoticas fracções, em quanto o coração divaga inquieto por outros mundos!

A musica mathematica a saltitar na lousa, e a imagens do passado, formosas e deslumbrantes de voluptua como a Vestal de Alvaro do Carvalhal, a crusar-se constantemente no meu cerebro agitado.

Ai! que sensaboria.

Eu a gastar giz inutilmente e tu, meu máu, soltares gargalhadas mephistophélicas!

Eu a suspirar pela oressa que me refrescava a fronte, pelo rouxinol que musicava aos meus ouvidos um trecho de Verdi, pela Gertrudes d'olhos *esmeraldas*, e tu a zombares de mim como Fausto, de L. Gundar!

Se imaginar podesses a tristeza que meu peito opprime...

Ai! que desgraça, que coisas, que cabeça!

Se imaginar podesses... isto é verso, pois não é?

Vê lá como está elegiaca esta cabeça!

Sem querer *inclina a magestade* para a versalhadada!

Pois olha eu queria rir-me, rir como um perdido, rir até arrebentar, rir até o Urbano Loureiro me dizer: basta, agora eu.

E não posso, não posso.

Mas, enfim, lá vae risota.

Olha que o Barbosa ainda por cá anda.

Coitado do homem!

Anda amarello, amarellinho de todo. Aquillo está mesmo por um *triz!*

Já ninguem lhe vê nos olhos aquelle brilho que dá força e magestade!

Coitado do homem!

Quando medito no mal que o roe, fico mesmo um *Jeremias* moderno.

Mas espera . . . eu prometti risota?

Que estúpido eu sou?

Como poderei rir-me, se a humanidade administrativa soffre tanto?

Não posso, não posso resistir aos *fados*.

E tu, meu Tolentino, como te dás por ahí com esta chuva tão teimosa?

Que se diz, que se pensa da revolta de Gôa?

Imaginam que tudo aquillo foi comedia?

Se por ahí se pensar assim pouca admiração me causa, porque, emfim, não passais d'uns grandes *lôpas*.

Que diabo sabeis vós de politica?

Andaes a pregar mentiras e a dizer tolices de calibre 3000, não é assim?

A politica meu amigo, a verdadeira, a genuina, a não falsificada só se aprende em S. Bento; isto que por aqui se chama politica não é digna de tal nome, chama-se apenas — introduccão á politica.

Entendês-te meu ignorante?

Aprende tu, se quizeres, a tal introduccão e depois conversa com o teu afeiçoado.

\*\*\*

## SECÇÃO LITTERARIA.

### TON NOM?

Abre-me o labio teu  
formosa Galathea,  
ardente chamm'atea  
aqui no peito meu.

Eu quero ainda vêr  
se acaso o paraíso  
se entrevé n'um sorriso  
d'um labio de mulher.

Tambem podes soltar  
ao vento esse cabello,  
embora seja bello  
não me ha-de captivar . . .

Mas não . . . suspende! não . . .  
não rias mais por hoje!  
a vista já me foge,  
d'envolta o coração!

Agora eis-m'a teus pés

vencido, aniquillado.

Oh! falla ao desgraçado . . .

mulher dize quem és?

### AS MÃES.

Oh! mães quando vos vejo  
apertar 'nesse seio  
o vosso tenro filho,  
o vosso sancto enleio;

quando vos vejo ainda,  
cheias d'immenso amor,  
adormecer, cantando,  
a pequenina flôr;

ai, quando o filho chora,  
'na dôr a contorcer-se,  
que vejo os vossos olhos  
de pranto humedecer-se;

eu sinto, aqui no peito,  
dizer-me o coração:  
não ha nada mais sancto,  
de maior seducção!

\*\*\*

### UM SEGREDO.

Adormeço de noite triste e só,  
entregue á minha dôr intensa e forte;  
desperto de manhã encontro o pó  
onde traduzo — sepultura e morte. —

Quando *d'ella* me lembro julgo até  
que se agita comigo o pensamento,  
a repetir-me com tristeza e fé:  
que amor o teu p'ra tal esquecimento. . .

Não póde, n'este mundo, haver amor  
ardente como o teve Grasiella.  
Oh! Lamartine! oh! louco sonhador!  
qu'imagem tu creaste pura e bella!

Era imagem . . . ficção . . . revive aqui,  
acólá, mais além, no livro enorme  
onde os labios sorriem d'uma houri,  
aonde o genio teu repousa e dorme.

Mas esse seu amor! o seu sorrir,  
que parece tão cheio de ternura?  
Tudo mentira van, que hade fugir  
como fogo do dia a noite escura.

Que triste sina? Pois eu heide assim  
vêr murchar as as fillores do meu caminho?

Pois tambem no seu cálice o jasmim  
occulta venenoso, agudo espinho?..

E' perjura tambem aquella luz  
que tem o seu olhar? E' tudo tredo?  
E a carminea boquinha que seduz?

Responde o vento além: — eis o segredo!..

\* \* \*

## NOTICIARIO

**Festividade.** — Domingo tem de festejar-se, na capella de S. João da Ponte, a imagem do Senhor que se acha collada na rua do Pae Amente, havendo missa cantada, acompanhada a instrumental, exposição do SS. e sermão de tarde.

No sabbado á noite haverá esplendido arraial, constando de illuminação, fogo de artificio e leilão de prendas, tocando por essa occasião a musica da Philharmonica Bracarense.

**Noticias de Vianna.** — Da *Aurora do Lima* tomamos as seguintes noticias:

Confrange-se o coração ao contemplar o estado verdadeiramente lastimoso em que estão os milhos e feijão que ainda se acham por colher!

Os ultimos temporaes causaram estragos consideraveis n'aquelles cereaes, porque principalmente os milhos estão completamente quebrados, com poucas esperanças de que cheguem á maturação.

N'este concelho vêem-se muitos campos com o milho em tal estado, que parece foi completamente calcado!

Tal foi a furia do vendaval que houve na quinta feira ultima!

— As enxurradas produzidas pelo grande temporal de quinta feira ultima arrastaram até ao rio Lima muitas madeiras, milhos, animaes mortos, etc. N'estes ultimos dias via-se descer tudo isto pelo rio, que seguia com grande velocidade.

— Com os ultimos temporaes o mar arrojou á praia n'estes dias, grande quantidade de sargaço.

Hontem durante o dia via-se no cabedello, ao sul d'esta cidade, bem como na praia em frente da freguezia de Castello do Neiva, grande numero de homens e mulheres empregados na conducção para barcos e carros d'aquelle excellente adubo para as terras.

**Um homem feliz.** — Vai brevemente comparecer ante o conselho de guerra um mancebo que em Satory é conhecido por *decapitado fallante*. Este insurgente foi preso ao tempo da entrada das tropas em Auteuil; havia sido visto a levar aos artilheiros da communa as bombas destinadas a serem lançadas sobre o exercito de Versalhes.

Julgado por um tribunal marcial, foi condemnado á morte. O pelotão de execução tinha disparado sobre elle sete tiros que o haviam feito cair por terra. Como o condemnado fizesse um movimento,

um soldado disparou-lhe o tiro de favor, e a balla atravessou o rosto da esquerda para a direita e de cima abaixo.

Tinham-n'o deixado por morto, quando um soldado, tendo notado que o *fusilado* ainda parecia vivo, se preparava para o acabar.

Interveiu um ajudante e conseguiu que o corpo lhe fosse entregue. Tratou-o com tanta habilidade, que apesar do mau estado do *fusilado*, chegou a salvá-lo completamente. Hoje mostra elle a todos os que visitam Satory, as cicatrises provenientes das feridas das ballas nos braços, nos hombros, no peito, nas pernas e na cabeça.

O joven *decapitado* tem apenas alguma difficuldade em fallar distinctamente. Conta entre risos que depois de ter ouvido as primeiras descargas, não sabe o que mais se passou. Quando voltou a si, mal podia acreditar que effectivamente estava vivo.

## ANNUNCIOS

No proximo domingo, 8 do corrente, terá lugar na igreja dos Remedios, pelas 10 horas da manhã, a pratica aos FILHOS DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, pelo revd.° Radmaker. (19)

No Campo de Sant'Anna n.° 69 precisa-se de uma pessoa habilitada para tomar conta de um botequim. (18)

## COSINHEIRO

Joaquim Bernardo da Silva, cosinheiro que foi do sr. A. do Cantinho, participa aos seus amigos e freguezes que tomou conta da hospedaria da Porta de S. Francisco; cozinha para fóra e tambem faz frigideiras, e faz encommendas para fóra de todos os preços que lhes convier. (17)

## VENDA DE CASA

Vende-se uma morada de casas, sita no campo de Santa Anna, com quintal e pòço, tendo os numeros 16, 16 A e 16 B.

Quem a pretender dirija-se á rua de S. Bernabé n.° 8, pois que ahí se dirá com quem se póde tractar. (10)